

# CURIOSIDADES SEMÂNTICAS

Prof. JOÃO TORTELLO

(Prof. de Filologia Portuguêsa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba. Catedrático de Português do Colégio Estadual e Escola Normal de Sorocaba).

## I — Introdução.

De tôdas as partes em que se divide a Gramática, sem dúvida alguma, a mais cativante, a mais curiosa, a mais absorvente, é a — SEMÂNTICA — o estudo das mudanças de significado das palavras.

Por que, por exemplo, a palavra **plicare**, que significa **dobrar**, deu em português o verbo **chegar**, com o sentido que conhecemos? Por que **embarcar** (tomar a **barca**) já é usado para qualquer veículo: embarcar num trem, num avião, num bonde? Por que **romaria** não é necessariamente uma peregrinação a **Roma** e sim a qualquer outra cidade?

A estas e a tantas outras perguntas procura dar resposta a semântica.

Uma palavra, introduzida na língua, pode conservar o primitivo significado, pode adquirir novos sentidos, perdendo ou não o primeiro, pode alterar completamente a significação inicial, a ponto de tornar-se antônima de si mesma. Veja-se o contra-senso existente na palavra **abrigo**. Indicava **lugar exposto ao sol**, lugar aberto, portanto. E não é exatamente o contrário que se verifica hoje?

E **mancebo**, por acaso ainda é o prisioneiro de guerra, tomado à fôrça (*manu capere*), para servir de escravo? Não representa o sentido atual um enobrecimento do vocábulo? Entretanto, o mesmo não se verificou em relação ao verbo: **amancebar** degradou-se, aviltou-se.

## II — Enobrecimento e degradação de vocábulos

Quer isto dizer que os próprios vocábulos não se eximem das oscilações da fortuna: uns estão fadados ao enobrecimento, outros à degradação.

Vejam os a palavra **carroça**. Era um côche adornado e rico, uma “carruagem luxuosa de quatro rodas, usada na Itália desde o século

XVI, e introduzida na França por Catarina de Médicis". Dizia-se, por exemplo: "A **carroça** do Sol", isto é, o carro deslumbrante do Sol; "O rei saiu em sua **carroça**", quer dizer, em sua carruagem, em seu côche. Aviltou-se o sentido e hoje **carroça** é o mais plebeu dos veículos.

**Vilão** — primitivamente, camponês, pessoa do interior, habitante da vila, da aldeia. Era, portanto, pessoa sem o traquejo social, sem o verniz das cidades, pessoa não nobre. Mas dêste sentido para o de desprezível, grosseiro, descortês, vai muita diferença. Qual a causa? Em primeiro lugar, o desprezo votado às classes baixas pela nobreza. Depois, pela influência da palavra **vil**: vil, vilão, como se êste fôsse aumentativo daquele. Notem-se ainda: **ignóbil**, não nobre, **non nobilis**; e **descortês**, não cortês, não da côrte.

**Tratante** — Hoje é ofensa chamar tratante a alguém. Tratante quer dizer velhaco, pessoa sem palavra. Não assim em tempos passados: tratante era o comerciante, o negociante, a pessoa que fazia **tratos**. Qual seria a razão? Provavelmente, por já haver, naqueles tempos, negociantes sem palavra, inescrupulosos. Veja-se, ainda, a estranha coincidência de ser Mercúrio o mesmo deus do comércio e dos ladrões...

Estudemos agora algumas palavras que se enobreceram no decorrer dos anos.

**Anjo** — É um ente espiritual que habita o céu, um espírito celeste. Deixou de significar um simples **mensageiro** (tal era o sentido do grego), para indicar algo mais elevado, mais espiritual. O enobrecimento do vocábulo foi contribuição do cristianismo, que também é responsável por tantas outras modificações de sentido: **presbítero** (mais velho), **basílica** (tribunal, **batizar** (lavar), **hóstia** (vítima), **agonia** (combate), etc..

**Brasileiro** — Tempos já houve em que ser **brasileiro** era desonroso. Eram **brasileiros** os que se entregavam à extração do pau-brasil, serviço penoso para o qual se "recrutavam os desclassificados sociais, galés, calcetas, banidos do Reino". A palavra indicava profissão, como tantas outras formadas com o sufixo **-eiro**: ferreiro, padeiro, sapateiro, etc.. Quando, porém, nosso país perdeu o nome de Terra de Santa Cruz para ser chamado simplesmente Brasil, "**por causa de um pau assim chamado, de côr abrasada e vermelha, com que tingem panos, do qual há muito nesta terra, como que importava mais o nome de um pau com que tingem panos, que o daquele Divino Pau que deu tinta e virtude a todos os Sacramentos da Igreja**", como disse um velho cronista, Frei Vicente do Salvador, em 1627), quando, porém, se deu essa mudança de nome, **brasileiro** deixou de indicar profissão para exprimir o gentílico que tanto nos orgulha.

Dignificou-se o vocábulo, sem dúvida alguma.

Aliás, não foi outra a mudança que se verificou em **mineiro**: de trabalhador de minas para designação do nascido na Província

(hoje, Estado) das Minas Gerais. Hoje, um homem de qualquer estado ou nação, que trabalhe na extração de minérios, será **mineiro**: um paulista mineiro, um francês mineiro. Por outro lado, um nascido no Estado de Minas também será **mineiro**, qualquer que seja sua profissão: um mineiro dentista, um mineiro professor...

### III — A tipossemia.

Pelos exemplos aqui arrolados já se percebeu que as palavras podem mudar de sentido por diversas causas de natureza psicológica, social, histórica, religiosa.

Longo e inesgotável é o assunto. Vamos limitá-lo, tratando apenas de uma parte: a nova significação adquirida por alguns nomes próprios. “Muitos povos”, diz Silveira Bueno, “muitos indivíduos célebres, ficaram na linguagem de tôdas as nações como símbolos cuja referência se vem estendendo a muitos fenômenos sociais”.

O nome geral que recebem tais estudos, nome proposto por Carnoy, é TIPOSSEMIA. O catedrático de Filologia de São Paulo, já citado, subdivide a questão em **etnossemia** — “quando se trata de povo” e **antropossemia** — “quando de indivíduos”. Existe, ainda, um caso interessante: um novo conteúdo semântico que se ajunta a um nome geográfico (país, região, cidade). Poderíamos chamar a tal caso

### IV — Topossemia

Passemos à exemplificação.

**Havana** — “Que havana delicioso!” Da capital de Cuba é que vinham êstes charutos. O nome próprio geográfico passou a comum, pela redução da expressão — charuto de Havana.

**Bengala** — Simplificou-se a expressão — cana de Bengala. O objeto era feito primeiramente com cana daquela região da Índia. Hoje, o nome próprio de origem designa o bastão de apoio.

**Chile, Panamá** — Comprar um chile, um panamá, isto é, um chapéu característico, oriundo dêsses países. Novamente se reduziu a expressão — chapéu do Chile, chapéu do Panamá.

**Pergaminho** — (charta pergamena — fôlha ou membrana de Pérgamo). É a pele de carneiro preparada, para a escrita. Deriva o nome da antiga cidade da Ásia Menor, Pérgamo. Diz Nascentes: “Segundo Plínio, no segundo século antes de Cristo, Ptolomeu Epifânio, cioso da biblioteca que o rei Eumenes II estava organizando em Pérgamo, proibiu a exportação do papiro. Adotou-se então em Pérgamo a prática de preparar peles de carneiro para nelas escrever”.

**Baioneta** — a arma que se adapta ao cano do fuzil, foi, dizem, fabricada pela primeira vez na cidade de Baiona (Bayonne, França). São comuns também: uma **toledana** (espada fabricada em Toledo, Espanha); uma **sorocabana** (faca fabricada em Sorocaba).

O mesmo se verifica também com nomes de tecidos. Assim, **Damasco** — é um tecido de sêda, com desenhos lavrados, que se fabricava em Damasco, a cidade da Síria cujo caminho viu a conversão de S. Paulo. Por extensão, chama-se também damasco à imitação desse tecido.

**Jérsei** — Espécie de tecido de malhas de sêda, que se fabricava primitivamente na ilha de Jérsei, a maior e mais meridional das ilhas Anglo-normandas.

**Cetim** — Tecido de sêda lustroso e macio, oriundo, diz Nascen-tes (citando Gonçalves Viana), “do árabe **zaituni**, adjetivo derivado do nome da cidade chinesa de Tseu-thoung, chamada pelos árabes Zaitune, atualmente Thsiuan-tchu-fu”, afamada pelo fabrico desse pano.

**Musselina** — Tecido leve e transparente, deve seu nome à cidade iraquiana — Mossul — capital do Curdistã, banhada pelo Tigre e situada defronte da antiga Nínive. Veio-nos o nome através do antigo italiano **mussolino**.

**Casimira** — Tecido fino de lã. Do inglês **kerseymere**, fazenda pura de Kersey. Outros fazem derivar o nome de Cachemira (Kashmir), região da Índia célebre pela fabricação de tecidos de lã. De qualquer forma, sempre deriva de nome próprio.

Além de tecidos, nomes de frutos derivam de topônimos. Já vimos a origem de **damasco** (tecido), que é também o fruto do damasqueiro.

**Tangerina** — A laranja-cravo deve seu nome a Tânger — cidade de Marrocos (laranja-tangerina).

**Pêssego** — Embora a evolução fonética tenha, por assim dizer, escondido o étimo deste vocábulo, é êle, indiscutivelmente, o gentílico da Pérsia — **pérsico**. Reduziu-se a expressão **malum persicum** (maçã da Pérsia) para **persicum**, de onde pêssego. O berço do fruto é, pois, o país dos xás, conforme já ensinava Camões:

“O pomo que da pátria Pérsia veio,  
Melhor tornado no terreno alheio”. (Lus., IX, 58, 7-8).

Mais dois casos de topossemia temos em duas cidades da Itália — Parma e Gorgonzola — responsáveis por dois substantivos comuns, que são outros tantos tipos de queijo — **parmesão** e **gorgonzola**.

Continuando a exemplificação de nomes geográficos que se tornam comuns ao indicar os produtos de tais lugares, citemos o caso de cidades que passaram a significar as bebidas nelas fabricadas.

Assim, um **pôrto** (vinho do Pôrto, Portugal), um **bordô** (vinho de Bordéus, França), um **málaga** e um **xerez** (vinho de Málaga e Xerez, Espanha, uma **santa-branca (branquinha)** e um **parati** (aguardente de Santa Branca e de Parati, Brasil).

Muito comuns são as expressões:

**Eldorado** — para designar um lugar maravilhoso, com muita facilidade de vida, com muitos prazeres. E isto, como recordação do

país imaginário pretensamente descoberto por Orellana, oficial de Pizarro, entre o Amazonas e o Orenoco.

**América** — tem significado análogo: região de riquezas e fatura. Daí a expressão: “Fazer américa”, isto é, entregar-se a um bom negócio. Prende-se ao desejo de aventuras dos reinóis, que demandavam esta colônia longínqua em busca de riqueza fácil. Vinham ao Brasil na esperança de enriquecer-se logo. Ainda hoje, em Portugal, a palavra brasileiro quer dizer **português enricado no Brasil**.

**África** — obviamente, é sinônimo de façanha, proeza.

**Juqueri** — “Ir para o Juqueri” é ir para o manicômio, situe-se êste em Juqueri mesmo ou em qualquer outra cidade. Parece que o nome daquela cidade, célebre pelo hospício, já está designando o próprio instituto de higiene mental. A propósito, lembra-nos o projeto de um vereador santista, se não nos enganamos, que pretendia fundar um **Juqueri** naquela cidade praiana...

**Waterloo** — O nome da cidade ou região que se notabilizou por um fato importante, muitas vêzes, passa a designar êsse mesmo fato. É o caso de Waterloo, que se emprega com o sentido de derrota final, desastre fatal numa carreira: “Infelizmente, lá encontrou êle o seu Waterloo.”

**Mascate** — Todos sabem, é o vendedor ambulante de quinquilharias, fazendas, jóias, etc.. É, porém, o nome de uma cidade da Arábia, cujos filhos, em geral, levam vida nômada, **mascateando** pela redondezas. Vieram alguns ao Brasil e o gentílico passou a designar a classe: qualquer vendedor ambulante de quinquilharia é um **mascate**, não importando sua nacionalidade. No Rio de Janeiro e em outras capitais, dizem, a expressão já está sendo substituída por **turco da prestação**.

## V — Etnossemia.

E por falar em turco...

Quem é que já pensou quantos turcos há no Brasil? Raros, raríssimos. No entanto, para o povo, dono de loja é **turco**. Geralmente são sírios que, oprimidos lá na terra pelos verdadeiros turcos, emigraram, dedicando-se aqui no Brasil ao comércio de tecidos. Mas (diz um autor), assim como canadenses, australianos são considerados britânicos, assim também os sírios, os armênios, os libaneses, receberam o nome de **turcos**, quando de turcos não tinham nada, a não ser um ódio muito grande, motivado principalmente por questões políticas e religiosas.

Povos há que se notabilizaram por uma tendência, uma atividade, um meio de vida. Assim, **judeu** é o avaro, aquêle que se apega exclusivamente ao dinheiro. Dêsse adjetivo pátrio, temos **judiar**, maltratar, zombar, atormentar, reminiscência (a opinião é de Gonçalves Viana e João Ribeiro) das perseguições feitas aos judeus,

quando "não havia atrocidade que não se atribuísse aos judeus para os perseguir e espoliar".

**Beócio** — quer dizer ignorante, simplório. Dizem que os habitantes da Beócia, região da Grécia, eram tidos como curtos de inteligência, boçais. Já seus vizinhos do sul, os **áticos**, ganharam outro conceito. Todos sabem o que vem a ser o **aticismo**, um estilo **ático**.

Para nós, **português** é ignorante, tapado. "Mais fôrça sim, mais inteligência, nunca!" Verifique-se o papel dos portugueses em nossas anedotas. Dizem que em Portugal nos reservam a mesma sorte. Questão de antagonismo político do tempo em que o Brasil era colônia portuguesa.

Nesse sentido, **português** é sinônimo de **galego**, embora seja esta expressão ainda mais forte. **Galego** é um boçal, mal-educado, estúpido. Até em Portugal tem a palavra sentido pejorativo: é o moço de fretes, "porque em regra os que exerciam esta profissão eram da Galiza". Lá também existe a rivalidade secular, quase milenar, entre portugueses e galegos, embora já estivessem unidos, política e idiomáticamente (Cf. a língua galaico-portuguêsa dos cancioneiros medievais).

"Ele vive na **boêmia**, é um **boêmio**, leva uma vida **boêmia**". São expressões corriqueiras. Boêmia é uma região da Europa Central de onde se acreditava terem vindo os ciganos. Uma pessoa que imitasse a vida errante dos ciganos era um **boêmio**. "O nome foi dado por comparação com a vida nômade dos ciganos a literatos e artistas parisienses que viviam de expedientes".

Em 455, Roma foi saqueada pelos **Vândalos**, bárbaros da Germânia, que destruíam tudo na sua passagem, arrasando cidades da Gália, Espanha e norte da África. Vestígio de sua fixação no sul da Espanha, temos no topônimo **Andaluzia**. Ainda hoje se emprega **vândalo** para significar o inimigo das artes e das ciências. Como derivados dêsse vocábulo temos **vandálico** e **vandalismo**.

Até hoje, um **beneditino** é uma pessoa erudita, um pesquisador incansável e de sólida cultura. Os frades beneditinos — da Ordem fundada, no século VI, por S. Bento, em Monte Cassino, na Itália — "foram os únicos eruditos da Idade Média", tendo prestado grandes serviços às letras e às ciências. De sua infatigável dedicação ao trabalho ficou-nos também o adjetivo **beneditino**: paciência beneditina.

A mesma sorte não tiveram os padres da Companhia de Jesus, fundada mil anos depois (século XVI), por Sto. Inácio de Loyola. Envolvendo-se freqüentemente em acontecimentos políticos, nenhuma ordem religiosa foi mais atacada nem mais defendida que esta. Ou por alusão às restrições mentais atribuídas aos jesuítas, como informa o Larousse, ou por outro qualquer motivo, o certo é que a palavra **jesuíta** figura nos dicionários como sinônimo de **astucioso**, **hipócrita**, **velhaco**, **que engana sob aparências humildes**. O mesmo aconteceu com o nome do fundador: um **loyola** é um hipócrita.

Interessante é observar a personificação de um povo por um antropônimo. Assim, **Manuel** é o português (O Manele e a Maria); **Benedito** ou **Bastião**, o negro; **Salim**, o turco, aliás, o sírio; **Abrão**, o judeu; **Fritz**, o alemão; **John Bull**, o inglês; **Tio Sam**, o americano, e assim por diante.

Passemos agora aos casos de

## VI — Antropossemia.

a) Inventores e fabricantes.

Primeiramente, vejamos alguns nomes de inventores ou fabricantes que passaram a designar o produto.

**Henry Ford**, industrial americano falecido recentemente (1947), organizou e dirigiu poderosa indústria de automóveis a que deu o próprio nome (Ford Motor). Hoje êsse nome corre mundo e entre nós um **forde** já é um automóvel, de qualquer marca que seja. Um automóvel velho ou imprestável é qualificado, depreciativamente, de **fordeco**.

Mas antes de falar em forde, deveríamos ter-nos referido aos **tílburis**, carruagem de duas rodas e dois assentos, que guarda o nome de seu fabricante do comêço do século passado, o segeiro inglês Tilbury.

O antecessor dos automóveis de praça, na França, foi o **fiacre**, carro de aluguel cujo nome vem de S. Fiacre, monge irlandês, padroeiro dos jardineiros. Alugavam-se essas carruagens, primeiramente, numa casa da rua Sto. Antônio, em Paris, casa que tinha como insígnia a imagem daquele santo.

A carruagem de quatro rodas chamada **vitória** conserva o nome da rainha Vitória, da Inglaterra, que a usou pela primeira vez.

Continuando os meios de transporte, vamos encontrar o **zepe-  
lim**, o grande dirigível rígido em forma de charuto, inventado pelo conde alemão Fernando Zeppelin, morto em fins da primeira guerra mundial. O **zepelim** mostrou-se aos olhos curiosos dos brasileiros, em 1930.

Entre os aparelhos de barbear, existe um constituído por uma lâmina de dois gumes montada em certo mecanismo. É uma navalha de segurança, fabricada por **Gillette** (Gillette Safety Razor Co.). Pois bem. Assim como se deu com a palavra forde, **gilete**, por generalização de sentido, já significa qualquer lâmina daquele tipo: fazer a barba com gilete, comprar uma gilete "Futebol"... Mais ainda. Como a lâmina tem dois gumes, já se emprega a palavra, pelo menos em S. Paulo, na designação de **indivíduo que corta dos dois lados**, isto é, a X fala mal de Y e a Y fala mal de X: "Não se preocupe com o que êle diz; aquilo é um **gilete**..."

Um **calepino** é um caderno de notas, um canhenho. Deriva-se o nome do monge agostiniano italiano Ambrósio Calepino. Em 1502,

publicou êle um dicionário poliglótico, considerado resumo da ciência universal da época. Na redação desta obra consagrou a vida inteira.

Antônio Stradivari, italiano de Cremona, do século XVII e XVIII, celebrou-se pela fabricação de instrumentos de corda. Até hoje seu nome indica violino de grande valor: um **estravivário**. Atualmente, para nós, **mansarda** é uma casa ordinária, um turgório. Mais precisamente, é o último andar de uma casa, com janelas que deitam sobre o telhado, uma água-furtada, uma espécie de sótão. Vem o vocábulo do nome do arquiteto francês, Antônio Mansard, que inventou ou, pelo menos, generalizou o uso de tais construções.

**Guilhotina** — instrumento para decapitação, muito usado na Revolução Francesa. Visando abreviar os sofrimentos dos condenados, o médico francês José Inácio Guillotin propôs à Assembléia Nacional a adoção de uma máquina de cortar cabeças. Foi encarregado de dirigir a construção o Dr. Antônio Luís. A primeira designação do instrumento foi **luisinha** (em francês, Louison ou Louisette), do nome de seu construtor. Logo, porém, se difundiu o nome de **guilhotina**, apesar dos veementes protestos do Dr. Guillotin...

A guilhotina funcionou pela primeira vez em 25 de abril de 1792.

b) Personagens bíblicas.

É fato incontestável que muitas personagens representativas de sua época passam a simbolizar indivíduos que apresentem com elas alguma semelhança física, psicológica, profissional, etc..

Abramos o "Pequeno Dicionário" de Hildebrando de Lima e Gustavo Barroso. Que é que vemos na palavra **Cristo**? Entre diversos conceitos, encontramos: "**paciente, vítima de qualquer coisa desagradável**". Um **cristo**, ou **J. Cristo**, como já ouvimos, é aquêle que paga pelos outros, o que se verifica, principalmente, na expressão: **ser o cristo**. O mesmo dicionário registra **cris-tear**, usado no Rio Grande do Sul, com o sentido de enganar o tolo, o **cristo**. Isso, por alusão ao Divino Redentor, que remiu os pecados dos homens, que pagou pelas faltas alheias. A que não chega a irreverência popular!

**Judas** é o amigo falso, o traidor, quando não pessoa mal trajada, alusão ao boneco que se queima sábado de Aleluia. Cf. as expressões: o beijo de Judas, os 30 dinheiros.

O leproso é um **lázaro**. São cognatos: lazareto, lazarar, lazarento, lazeira, etc.. Reminiscência de uma parábola que se lê em S. Lucas, XVI, 19-31, na qual aparece "**um certo mendigo, chamado Lázaro, que jazia cheio de chagas**".

**Jó** é pessoa muito paciente: paciência de Jó. Veja-se a história bíblica daquele patriarca, célebre pela piedade e resignação.

Por alusão a **Jeremias**, um dos quatro profetas maiores, autor das "Lamentações", temos: um **jeremias** (queixoso), **jeremiada** (lamúria importuna e inútil), **jeremiar** (lastimar). Na gíria dos gatunos, **jeremias** é a criança que acorda e chora no momento do roubo...

Diz a tradição que uma judia, chamada **Verônica**, na subida do Calvário, enxugou o rosto de Jesus com um pano, onde ficou estampada a imagem de Cristo. O pano passou a chamar-se **verônica**. Generalizando-se o sentido, o termo passa a designar a imagem de qualquer santo gravada em pano, cera, metal, etc.. Popularmente, **verônica** é sinônimo de rosto.

Ainda como referência bíblica, temos **benjamin**, o caçula querido e mimado. Dos 12 filhos de Jacó, Rubem foi o primogênito e Benjamin, o caçula. Benjamin, que ao nascer provocara a morte da mãe, Raquel, foi menina dos olhos de Jacó, o filho de sua velhice.

c) Tipos mitológicos.

Presta-se a mitologia clássica, esplêndidamente, a êstes estudos. Vejamos alguns exemplos:

Um **titã** é um gigante, no físico, na inteligência ou na moral. Na mitologia, os Titãs eram filhos do Céu e da Terra que, revoltados contra os deuses, tentaram escalar o céu, sobrepondo montanhas umas às outras. Júpiter fulminou-os.

**Dédalo**, arquiteto grego, foi o construtor do labirinto de Creta, prisão do Minotauro. O próprio Dédalo, por ordem de Minos, foi aí encerrado com seu filho Ícaro. Conseguiu, entretanto, evadir-se engenhosamente, por meio de asas feitas de penas de aves ligadas com cêra. Na fuga, porém, Ícaro, apesar dos conselhos paternos, aproximou-se muito do sol. Derretendo-se a cêra, desprenderam-se as penas e o imprudente foi precipitado no mar. Hoje, **dédalo** é sinônimo de labirinto, confusão e **ícaro** é o indivíduo altamente ambicioso que teve um fim funesto.

As Eumênides gregas, ou Fúrias romanas, eram três divindades representadas com os cabelos entrelaçados de serpentes, com um facho aceso numa das mãos e um punhal na outra, e que tinham a missão de, nos Infernos, punir os crimes dos homens. Chamavam-se Tisífone, Alecto e **Megera**. Esta última (**megera**) passou a substantivo comum, significando mulher de mau gênio, mãe desnaturada.

**Esculápio**, deus da medicina, filho de Apolo, a quem eram consagrados o galo, símbolo da vigilância, e a serpente, símbolo da prudência, curava doentes e ressuscitava mortos, despovoando o império de Plutão, rei dos Infernos... Por causa disso, Júpiter fulminou-o.

Atualmente, a um médico se dá o nome de **esculápio**.

E seguiríamos nos exemplos, se fôsse nosso propósito. Vejamos, porém, algumas

d) Figuras históricas.

**Nero**, um dos 12 césares de Roma, célebre pela monstruosidade de suas ações, ficou sendo o símbolo da crueldade: os **neros** modernos.

Um **mecenas** é um protetor das letras e das artes. Contemporâneo de Augusto, foi Mecenas o protetor de Vergílio, Horácio e Propércio.

Pessoa muito rica é um **creso**, nome do último rei da Lídia, do século VI a. C., célebre pelas suas riquezas. “A fama dessas riquezas, alimentadas pelas areias auríferas do Pactolo, tornou o seu nome proverbial para designar um homem riquíssimo”.

A um crítico azêdo, invejoso, parcial, apaixonado, damos o nome de **zoilo**. Pois êsse era o nome próprio de um sofista grego do século IV a. C., que se tornou famoso pelas invectivas injustas contra o divino Homero.

A antigüidade grega conheceu dois médicos famosos: **Hipócrates** (séc. V a. C.) e **Galeno** (séc. II de nossa era). É conhecida a frase: “Hipócrates diz sim, mas Galeno diz não”. Alude-se às freqüentes divergências entre os médicos. Tanto um nome como outro, por brincadeira, são empregados para indicar o médico: um **hipócrates**, um **galeno**.

Mais próximo de nossos tempos, encontramos na França do séc. XVIII, o financista Etienne de Silhouette, inspetor geral das finanças em 1759. Sóbrio e honesto, conquistou a opinião pública mas, quando pretendeu dos nobres uma subvenção territorial e redução das pensões, os privilegiados insurgiram-se contra êle, metendo-o em ridículo. Deram seu nome às calças sem bôlso, aos capotes sem pregas, aos desenhos de contôrno apenas, a tudo que tivesse linhas sêcas e parcimoniosas. Daí a palavra **silhueta** — desenho de perfil que segue a sombra projetada pelo rosto.

**Pasquim**, jornal ou folheto difamador, tem origem curiosa.

Pasquino era o nome de um sapateiro de Roma. No subsolo de sua oficina, dizem, encontrou-se uma estátua mutilada, de Hércules ou Alexandre. O sapateiro deveria ser muito popular porque a estátua passou a chamar-se também Pasquino, assim como a praça onde ela foi erigida. Remonta ao século XIV o hábito de colar nessa estátua epigramas contra fatos e personagens da época. As réplicas apareciam numa estátua fronteira chamada Marfório. Diz Jaime Séguier, no “Dicionário Prático Ilustrado”: “Os gracejos trocados entre Pasquim e Marfório, durante mais de três séculos, constituem tôda a história anedótica de Roma durante êsse tempo. Eis um exemplo de uma dessas célebres **pasquinadas**: Sixto V, cuja origem era das mais modestas, mandara vir para Roma sua irmã, até então simples lavadeira, e dera-lhe um palácio para habitar. No outro dia a estátua de Pasquim aparece vestida com uma camisa suja; Marfório pergunta ao compadre o motivo daquela negligência e no dia seguinte Pasquim responde: “É porque a minha lavadeira é agora princesa”...

**Carrasco** passou a ter o sentido de algoz desde o tempo em que, em Lisboa, era algoz Belchior Nunes Carrasco.

Um outro Belchior foi, segundo consta, o primeiro vendedor de objetos usados, no Rio. Ampliando-se o sentido, **belchior** é hoje sinônimo de “sebo”, ferro-velho, adelo, alfarrabista.

**Cavanhaque** — barba crescida e aparada, em ponta, no queixo,

conserva o nome de Luís Eugênio Cavaignac, general francês do século passado que pôs em moda tal uso.

**Gaforinha**, cabelo levantado sobre a testa, cabelo em desalinho, grenha, cabeleira de negro, deriva de **Gafforini**, nome de uma cantora italiana que visitou Portugal no comêço do século passado, e cujos penteados teriam dado origem ao vocábulo. Aliás, não é um processo análogo que usamos na expressão **cabelo à Verônica Lake**? E durante a última campanha eleitoral, não se falou muito em **cabelo à la Garcez**?

Um jogador inveterado nos enriqueceu o vocabulário com mais uma palavra. Trata-se de John Montagu, conde de **Sandwich**, que, à mesa de jôgo, fazia servir pedaços de pão com carne para não perder tempo em refeições. Apareceu o **sanduíche**...

A simbolização por meio de uma personagem em evidência é freqüente e atesta a evolução constante da língua. São expressões comuns: um **Lampião** (bandoleiro), um **Meneghetti** (ladrão), um **Caruso** (bom cantor) um **Rui** (pessoa muito inteligente). Ao tempo em que era o Sr. João Alberto coordenador da mobilização econômica, o povo, que nunca vê com bons olhos a pessoa que lida com dinheiro público, irreverentemente passou a dar novo sentido ao verbo "**coordenar**" (surripiar), assim como a "**albertar**", neologismo então aparecido...

#### e) Personagens literárias.

Para terminar êstes rabiscos, vamos tratar de personagens representativas, não da vida real, mas do mundo da ficção.

Um **anfitrião** (fem. anfitriã) é o que recebe convivas à sua mesa. Pois, minha gente, a palavra é velhíssima. Na antiga cidade grega de Tebas, governou outrora um rei, Anfitrião, marido de Alcmena. Por esta se apaixonou Júpiter que, para ludibriar-lhe a fidelidade conjugal, tomou as feições do marido. O assunto foi tratado numa comédia de Plauto, imitado, muito mais tarde, por Molière. Nesta obra aparece, além do deus conquistador, o fiel Mercúrio, que, para melhor servir a Júpiter, assume os traços de **Sósia**, criado de Anfitrião.

De tôda essa barafunda surgem situações altamente cômicas, terminando tudo muito bem, como num filme americano, com um banquete oferecido pelo verdadeiro Anfitrião a todos os seus oficiais. Com essa história nós ganhamos dois substantivos comuns: **anfitrião**, já mencionado, e **sósia**, indivíduo semelhante a um outro.

A palavra **tartufo**, com que designamos um hipócrita, um devoto falso, é o nome de uma personagem de uma comédia também de Molière, assim mesmo intitulada. Tartufo é o símbolo da perversidade e da hipocrisia.

A maior figura das letras espanholas é Miguel de Cervantes Saavedra, autor do "D. Quixote". Obra-prima da literatura universal, apresenta personagens típicas, enriquecendo o vocabulário de

tôdas as línguas modernas. Um **quixote** é um sonhador ridículo. Cf. **quixofada**, **quixotesco**, **quixofice**, **quixofismo**. Um **sancho-pança**, ao contrário, é a pessoa excessivamente prática, apegada à realidade. Familiarmente, namorada é uma **dulcinéia**. A própria montaria do "ingenioso hidalgo" passou a designar cavalo fraco — **rocinante**.

Outra figura célebre no mundo inteiro é o **dom-joão**, tipo clássico do sedutor emérito. Cf. dom-juanismo, dom-juanesco. Esta personagem lendária tem origem na Espanha, mas foi aproveitada em tôdas as literaturas. Alguns autores que dela trataram: Tirso de Molina, Molière, Zamora, Sadwell, Goldoni, Gluck e principalmente Zorrilla (Don Juan Tenorio).

Nem é preciso falar de Shakespeare e de seus tipos. Basta-nos recordar os **romeus e as julietas**, os **hamlets** e as **ofélias**, os **otelos** e as **desdêmonas**...

O fanfarrão, o ferrabrás, o valentão jactancioso, está representado na comédia espanhola por Mata-mouros, hoje tornado substantivo comum. O mesmo tipo encontramos na comédia italiana, com o Capitão Spavento, e na francesa, com o Capitão Fracasso, de Gautier. Aliás, tôdas estas figuras são vestígios do "Miles Gloriosus" ("O soldado fanfarrão") de Plauto.

A pessoa desprezível, capaz de tôdas as baixezas e violências, é um **sacripanta**. Esse é o caráter de Sacripanta, personagem do "Orlando Innamorato", de Boiardo, e do "Orlando Furioso", de Ariosto.

Dá-se, popularmente, ao barbeiro, a designação de **figaro**. É este o nome de uma personagem criada por Beaumarchais, no século XVIII. Em "O barbeiro de Sevilha", Fígaro, o protagonista, é o hábil, espirituoso e intrigante criado de Almaviva.

f) Literatura portugueza e brasileira.

Pobre de tipos é a literatura portugueza. Aliás, uma característica dessa literatura é a separação do público. Tanto que, em Portugal, diz-nos Fidelino de Figueiredo, só são populares Camões ("símbolo patriótico, e literariamente, muito à fôrça") e Bocage ("pelas anedotas"). E continua: "Eça de Queirós, mais divulgado, é que é alvo duma admiração mais consciente. E por quê? Porque muito e muito se preocupou com seu público, muito e muito desejou ser lido e compreendido".

Pois a este Eça, cuja "obra constitui uma interpretação total da vida", devemos, pelo menos, e principalmente, dois conceitos característicos de atualidade constante. Referimo-nos ao **Pacheco** e ao sôlene **Conselheiro Acácio**.

O primeiro, tipo de medalhão ridículo, figura numa das cartas de "A correspondência de Fradique Mendes" (VIII, Ao Snr. E. Molli-net). É **pacheco** a pessoa sem nenhum valor real, mas que, rodeada de boa reputação, julga-se a suprema inteligência, um "imenso talento".

**Pachequismo, pachequice, pachecal, pachecada** — eis vocábulos derivados daquele nome próprio.

“A especialidade **pachecóide**”, diz Vasco Botelho do Amaral, “é a freqüência de ditos aparentemente profundos, mas que, bem analisados, são triviais, lugares-comuns.”

Quanto ao **Conselheiro Acácio**, aparece êle em “O Primo Basílio”. É o “formalismo oficial”, no dizer do próprio Eça. Um **acácio** (Cf. **acaciano, acacianismo**) é o indivíduo ridiculamente sentencioso, de maneiras aparatosamente graves, cheio de palavras convencionais. Dêle nos fala o ilustre poveiro:

“Fôra, outrora, diretor geral do ministerio do Reino, e sempre que dizia — El-Rei!, erguia-se um pouco na cadeira. Os seus gestos eram medidos, mesmo a tomar rapé. Nunca dizia vomitar; fazia um gesto indicativo e empregava restituir...”

Se a pobreza caracteriza a galeria de tipos literários de Portugal, a penúria é a característica de nossa literatura. Não temos tipos literários que simbolizem uma espécie, que sirvam de padrão, já não dizemos universal, mas, ao menos, nacional, para um grupo. Nossos romancistas pintaram paisagens (Taunay, Alencar), movimentaram as personagens na sociedade da época (Macedo, Manuel Antônio de Almeida, Aluísio), destilaram “rabugens de pessimismo” (Machado). Nossos minguados teatrólogos puseram em cena os tipos da burguesia (Martins Pena, França Jr.). Mas tipo, tipo de verdade, que fôsse o símbolo de um grupo, não o deixaram.

Releva notar que, para glória de nosso Estado, o único autor de um tipo característico, popular, inconfundível, é um paulista — Monteiro Lobato, criador do **Jeca Tatu**.

“Jeca Tatu é um piraquara do Paraíba, maravilhoso epítome de carne, onde se resumem tôdas as características da espécie”. (Do artigo “Urupês”).

Símbolo do caboclo do interior do Brasil (até então o “ai-jesus nacional”), designa a pessoa apática, fatalista, inerte, negligente, desanimada, que a todo convite para a reação só sabe responder: “Não paga a pena”. Além do vocábulo **jeca-tatu**, substantivo masculino, já se encontra dicionarizada a palavra **jequice**.

Êsse é o tipo que apresenta nossa literatura. É a nossa galeria de tipos...

Verdade é que para sua vulgarização muito concorreu o famoso discurso de Rui Barbosa, no Teatro Lírico do Rio de Janeiro, citando o Jeca Tatu:

“Senhores: Conheceis, porventura, o Jeca Tatu, dos “Urupês”, de Monteiro Lobato, o admirável escritor paulista?”

Foi a consagração do Jeca.

Foi a consagração, maior ainda, do pai do Jeca, o genial Monteiro Lobato!